



ISSN 2674-8169



Latindex



DOI

Google
Acadêmico

Impacto das condições de trabalho no desenvolvimento de doenças ocupacionais em enfermeiros

Valdiana Gomes Rolim Albuquerque¹, Alerrandro Guimarães Silva², Geanilson Araújo Silva³, Juliana dos Santos⁴, Robson Azevedo Freitas⁵, José Barbosa da Silva⁶, Felipe Natan verde Ferreira⁷, Filipe da Silva Coelho⁸, André Vieira da Silva⁹, Maria das Dores Silva Ferreira¹⁰, Elisângela Macedo Valentim¹¹, Marcondes Mateus Barbosa¹²



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2026v8n4p406-437>

Artigo recebido em 11 Março e publicado em 11 de Abril de 2026

REVISÃO NARRATIVA

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar o impacto das condições de trabalho no desenvolvimento de doenças ocupacionais em enfermeiros, com foco nas consequências físicas e mentais dessa profissão. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão narrativa da literatura, abordando estudos publicados nos últimos 15 anos, os quais destacam os fatores de risco envolvidos nas atividades diárias desses profissionais. As condições de trabalho insalubres, a sobrecarga de tarefas, a exposição a agentes biológicos, químicos e físicos, além da falta de apoio institucional, são identificadas como as principais causas de adoecimento na enfermagem. Essas condições prejudicam não somente a saúde dos enfermeiros, mas também impactam a qualidade do atendimento prestado aos pacientes. A metodologia adotada foi uma revisão narrativa de literatura, que incluiu artigos de periódicos indexados e bases de dados científicas. A análise revelou que as doenças mais prevalentes entre os enfermeiros incluem distúrbios musculoesqueléticos, síndrome de Burnout, doenças respiratórias e transtornos psicológicos. Além disso, foi identificado que a implementação de práticas ergonômicas, o fornecimento adequado de EPIs e a criação de um ambiente de apoio psicológico são essenciais para mitigar os riscos ocupacionais. Os resultados sugerem que as instituições de saúde devem priorizar políticas de saúde ocupacional, com foco na redução de carga de trabalho excessiva e na melhoria das condições físicas e emocionais dos profissionais. A revisão também destaca a necessidade de futuras pesquisas sobre estratégias de prevenção e a melhoria das condições de trabalho para reduzir o absenteísmo e garantir um atendimento mais eficaz aos pacientes.

Palavras-chave: Doenças ocupacionais, Enfermeiros, Condições de trabalho. Saúde ocupacional.

Impact of Working Conditions on the Development of Occupational Diseases in Nurses

ABSTRACT

This study aims to analyze the impact of working conditions on the development of occupational diseases in nurses, focusing on the physical and mental consequences of this profession. The research was conducted through a narrative review of the literature, addressing studies published in the last 15 years, which highlight the risk factors involved in the daily activities of these professionals. Unhealthy working conditions, task overload, exposure to biological, chemical and physical agents, and lack of institutional support are identified as the main causes of illness in nursing. These conditions harm not only the health of nurses, but also impact the quality of care provided to patients. The methodology adopted was a narrative review of the literature, which included articles from indexed journals and scientific databases. The analysis revealed that the most prevalent diseases among nurses include musculoskeletal disorders, burnout syndrome, respiratory diseases and psychological disorders. Furthermore, it was identified that the implementation of ergonomic practices, the adequate provision of PPE and the creation of a psychologically supportive environment are essential to mitigate occupational risks. The results suggest that health institutions should prioritize occupational health policies, focusing on reducing excessive workload and improving the physical and emotional conditions of professionals. The review also highlights the need for future research on prevention strategies and improving working conditions to reduce absenteeism and ensure more effective patient care.

Keywords: Occupational diseases. Nurses. Working conditions. Occupational health.

Instituição afiliada – Faculdade Santa Maria¹, Universidade CEUMA², UNIMES³, Centro Univesitário do Estado do Pará⁴, Instituto de Ensino Superior do Sul do Maranhão⁵, UEMA⁶, Universidade da Amazônia⁷, Faculdade Legale⁸, UEMA⁹, UEMA¹⁰, Faculdade Santa Teresinha¹¹ Universidade Presidente Antônio Carlos¹²

Autor correspondente: Valdiana Gomes Rolim Albuquerque vgrrolim@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A saúde dos trabalhadores possui uma relação direta com as condições de trabalho, considerando que elas influenciam as circunstâncias em que a atividade profissional se desenvolve e o estado físico e mental dos trabalhadores para atender às demandas exigidas. Os acidentes de trabalho, doenças profissionais, afastamentos por doenças, incapacidades temporárias e definitivas para o trabalho indicam a realidade sanitária dos trabalhadores (Assunção & Lima, 2012).

A preocupação com a saúde ocupacional não é recente. Segundo Lino et al. (2012), os primeiros relatos que abordam essa questão, datam do século XVIII. Em 1700, Bernardino Ramazzini, renomado médico italiano, publicou a obra “As doenças dos trabalhadores” na qual apresentou uma inédita classificação e sistematização das doenças do trabalho (Lino et al., 2012; Vasconcellos & Gaze, 2009).

Dessa forma, as condições e local de trabalho têm grande influência na saúde do trabalhador, considerando que parte de sua vida se passa neste ambiente. O hospital é o principal ambiente laboral para os trabalhadores de enfermagem, com isso torna-se necessário considerar que esse ambiente, tipicamente insalubre, acaba sendo nocivo, levando-os a desenvolverem doenças ocupacionais devido há longas jornadas de trabalho, exposição aos riscos diários no local.

Estas ocorrem não só por meio do contato do profissional com os pacientes portadores de doenças infecciosas, sendo os riscos biológicos, mas também pelos riscos ergonômicos, devido às posturas inadequadas na execução das tarefas, à sobrecarga, riscos químicos, devido aos produtos usados para a desinfecção e esterilização dos artigos hospitalares, entre tantos outros.

A despeito da importância do trabalho na vida das pessoas, o cenário contemporâneo dos ambientes laborais tem exigido cada vez mais dos trabalhadores, tendo como resultado o aumento dos riscos e doenças ocupacionais (Ribeiro et al., 2018). Problemas como estresse, fadiga, crises de ansiedade e esgotamento profissional relacionados às formas atuais de organização do trabalho são cada vez mais comuns, sendo muitas vezes socialmente naturalizados devido à conotação positiva do trabalho, renegando a possibilidade de uma ação negativa das atividades laborais sobre o psiquismo do trabalhador (Souza & Bernardo, 2019).



As doenças ocupacionais na enfermagem são frequentes devido à constante exposição a agentes físicos, químicos e biológicos no ambiente hospitalar. As principais doenças acometendo essa equipe incluem distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), Síndrome de Burnout, depressão, problemas respiratórios e dermatites. Estudos apontam que tais riscos são as principais causas para os acidentes de trabalho, inclusive com material biológico. Segundo a literatura os acidentes com material biológico no trabalho da enfermagem são multifatoriais, como: sobrecarga, descarte inadequado de material contaminado, agilidade na execução de atividades, o cansaço físico e mental do profissional. Tais fatores levam ao estresse, desgaste físico e emocional, ausência de atenção, deficiência de capacitação técnica, excesso de confiança, emprego de materiais inadequados e a não utilização de equipamentos de proteção individual ou coletiva (Vieira et al., 2017).

Condições de trabalho insatisfatórias, caracterizadas pela falta de descanso adequado e pela sobrecarga laboral, resultam em altos índices de estresse e fadiga. A pesquisa de Santos et al. (2020) identificou que, em hospitais públicos, a precariedade no ambiente de trabalho — incluindo ausência de insumos básicos e baixos salários — contribui para um aumento nos casos de licenças médicas e agravos de saúde entre os profissionais de enfermagem. Esses fatores tornam-se ainda mais críticos em contextos de alta complexidade, onde os profissionais são constantemente expostos a pressões e responsabilidades que exigem desempenho físico e mental elevados.

A enfermagem é uma profissão essencial para o sistema de saúde, sendo responsável por atender pacientes em diversas etapas de tratamento, desde a prevenção até o cuidado intensivo. Este setor, porém, enfrenta desafios significativos relacionados às condições de trabalho, que impactam diretamente a saúde e o bem-estar dos profissionais. De acordo com Uchoa (2023), as condições inadequadas, como jornadas prolongadas, escassez de insumos e falta de suporte estrutural, estão entre os principais fatores que contribuem para o desgaste físico e emocional dos enfermeiros, levando ao desenvolvimento de doenças ocupacionais.

A soma desses fatores pode impactar a saúde e o bem-estar dos trabalhadores da saúde, o que pode ser evidenciado pelos altos índices de morte e afastamentos por agravos relacionados ao trabalho, sejam eles de ordem física ou psicológica.

Cabe considerar também que a temática ambientes de trabalho saudáveis ainda é pouco abordada na literatura. Em geral, os estudos abordam as vertentes propostas pela OMS



(Organização Mundial da Saúde) fragmentadamente, não havendo articulação entre ambiente físico de trabalho, ambiente psicossocial de trabalho, recursos para a saúde pessoal e envolvimento da empresa com a comunidade (Balthazar, Andrade & Souza (2017); Ferreira, Aragão & Oliveira (2017); Pereira, Nóbrega & Paiva, 2019; Ribeiro et al., 2018). Neste sentido, acredita-se que este estudo pode contribuir para a produção de conhecimento sobre as estratégias organizacionais e políticas públicas brasileiras voltadas para a saúde, segurança e bem-estar dos trabalhadores.

O estudo de Machado et al. (2016) apresenta uma análise abrangente das condições de trabalho da enfermagem no Brasil, evidenciando que, embora exista confiança e respeito entre os colegas, o distanciamento e a falta de acessibilidade dos gestores criam um ambiente desfavorável. Além disso, situações de violência e discriminação no ambiente de trabalho são relatadas com frequência, elevando os índices de afastamento e o uso de licenças médicas. Os resultados apontam para a urgência de políticas públicas que melhorem as condições de trabalho e, conseqüentemente, a saúde dos enfermeiros.

Deve-se ressaltar que os profissionais de enfermagem compõem um conjunto numeroso de pessoas numa instituição. São trabalhadores que prestam assistência vinte e quatro horas por dia, sendo de singular importância a prevenção e promoção de saúde desta equipe (Costa, Vieira & Roseni, 2009).

É de fundamental importância relatar que os locais de trabalho de muitos profissionais são insatisfatórios, e como exemplo tem os profissionais de enfermagem, evidenciadas por problemas na organização, deficiência de recursos humanos e materiais e área física inadequada do ponto de vista ergonômico. Assim, mediante uma breve comparação observam-se as péssimas condições de trabalho de muitos profissionais. Estes são fatores de riscos predisponentes de riscos ocupacionais (Gallas & Fontana, 2010).

Compreender os aspectos que envolvem a qualidade e as condições onde o trabalho se desenvolve é fundamental. Este estudo se justifica pela carência de conhecimento na produção científica de estudos referentes à temática proposta, pois a saúde do trabalhador é uma área relativamente recente quanto à produção de conhecimento, uma vez que as primeiras produções científicas publicadas nesta área ocorreram a partir dos anos de 1980 pela alta prevalência de problemas relacionados à saúde entre os profissionais, devido à sobrecarga física, emocional e à exposição a riscos biológicos e químicos. Enfermeiros são essenciais na



prestação de cuidados de saúde, e a ocorrência de doenças ocupacionais, como distúrbios musculoesqueléticos e transtornos mentais, não somente afeta sua qualidade de vida, mas também compromete a eficiência dos serviços de saúde, gerando absenteísmo, rotatividade e aumento de custos operacionais.

Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo realizar uma análise crítica da literatura acerca dos impactos das condições de trabalho no desenvolvimento de doenças ocupacionais em enfermeiros.

Este trabalho está estruturado de forma a proporcionar uma abordagem sobre o tema, com base em uma revisão narrativa da literatura como metodologia principal. A pesquisa integra e analisa estudos relevantes sobre as condições de trabalho e os efeitos na saúde dos trabalhadores da enfermagem. A estruturação da pesquisa visa proporcionar uma análise detalhada das causas do adoecimento e suas relações com os ambientes hospitalares e os processos organizacionais existentes.

Ao compreender a relação entre condições de trabalho e doenças ocupacionais, esse estudo visa propor soluções práticas que possam ser implementadas pelas instituições de saúde, de modo a melhorar a qualidade de vida dos enfermeiros, garantindo, ao mesmo tempo, um cuidado mais eficiente e seguro para os pacientes. O estudo traz uma visão abrangente sobre o tema, destacando práticas preventivas e corretivas que podem reduzir os riscos ocupacionais e promover ambientes de trabalho mais saudáveis.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, optou-se por utilizar a metodologia de revisão narrativa da literatura, que é constituída por uma análise ampla da literatura, sem estabelecer uma metodologia rigorosa e replicável em nível de reprodução de dados e respostas quantitativas para questões específicas, como explicitam Vosgerau e Romanowski (2014). No entanto, é fundamental para a aquisição e atualização do conhecimento sobre uma temática específica,



evidenciando novas ideias, métodos e subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (Elias et al., 2012).

A primeira etapa envolveu a formulação da pergunta central: "Qual o impacto das condições de trabalho para os enfermeiros que podem predispor ao desenvolvimento de doenças ocupacionais?", orientou a busca por artigos relevantes e permitiu a delimitação do escopo da pesquisa. Na fase seguinte, de busca ou amostragem na literatura, foram selecionadas bases de dados eletrônicas e combinados descritores adequados ao tema, visando assegurar uma busca sistemática e abrangente.

Na etapa de coleta de dados, foram selecionados artigos relevantes, priorizando aqueles que apresentaram relevância para a compreensão das condições de trabalho e o impacto na saúde dos enfermeiros. Os dados foram coletados principalmente de três bases de dados: *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *BDTD (Base de Dados de Teses e Dissertações)* e *Google Acadêmico*. Para garantir a qualidade e a pertinência dos estudos, foi realizada a busca combinando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), como: "doenças ocupacionais", "enfermeiros", "condições de trabalho" e "desenvolvimento de doenças", utilizando operadores booleanos para refinar os resultados e ampliar a relevância dos artigos selecionados.

A fase de análise crítica dos estudos incluídos envolveu a leitura atenta e a avaliação qualitativa dos artigos, considerando critérios como a robustez metodológica, a relevância dos achados e a contribuição para a compreensão do tema. A análise também buscou identificar lacunas na literatura existente, além de evidenciar as principais evidências empíricas e teóricas sobre o tema.

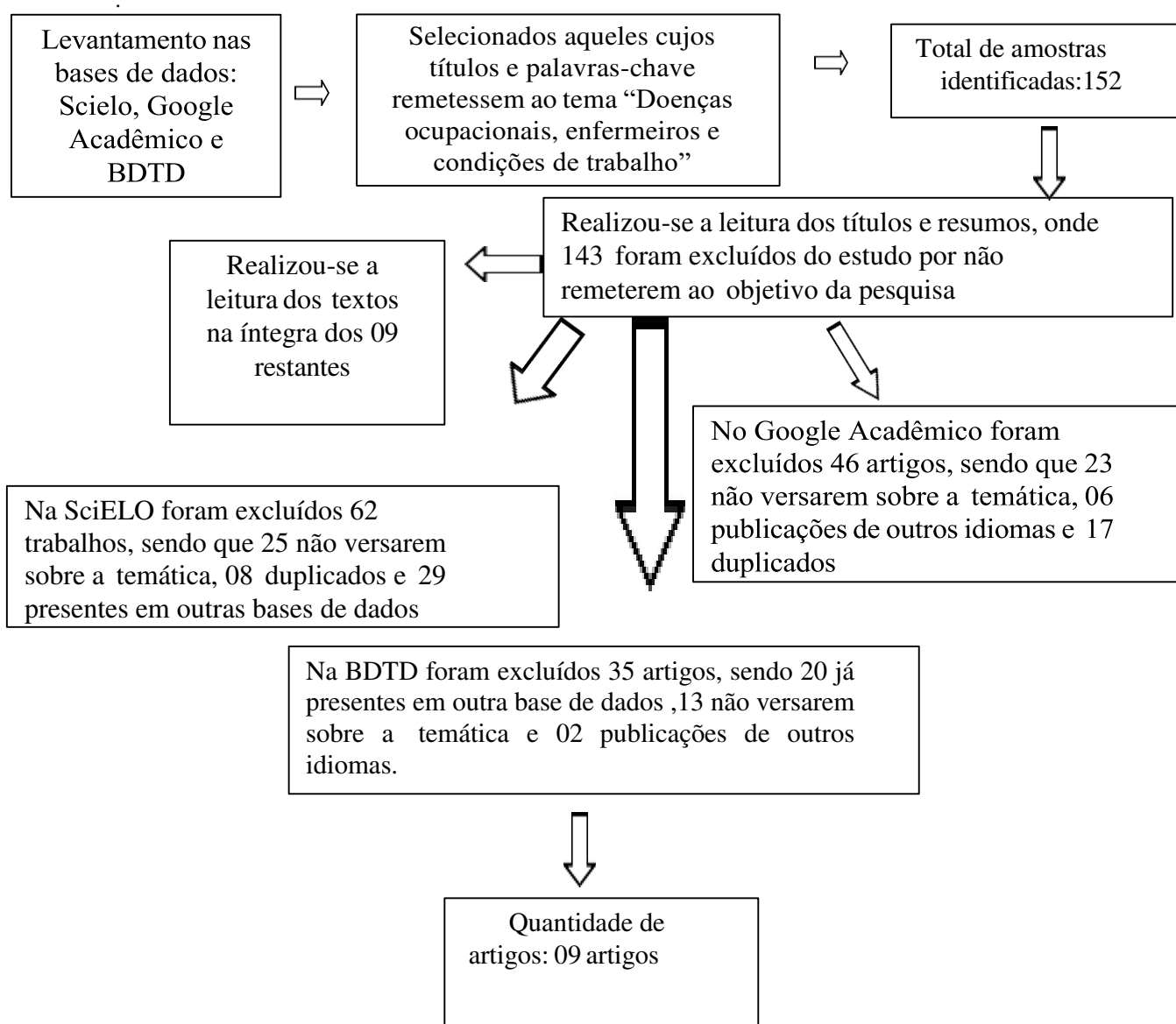
Na etapa de discussão dos resultados, os achados foram integrados e discutidos à luz dos objetivos da pesquisa, com a identificação de padrões, divergências e contribuições significativas para o campo da saúde ocupacional na enfermagem. Os resultados foram sintetizados na apresentação da revisão narrativa, que visa apresentar uma visão crítica e consolidada dos estudos revisados, destacando as implicações para a prática e as diretrizes para futuras pesquisas sobre o tema.

Os critérios de inclusão para os estudos foram definidos de forma a garantir a representatividade e a qualidade dos dados coletados. Foram selecionados apenas artigos



científicos, publicados em português, com texto completo disponível e com um recorte temporal de últimos 10 anos, visando garantir a atualidade das informações. Para excluir estudos irrelevantes ou de baixa qualidade, foram adotados critérios rigorosos de exclusão, como capítulos de livros, reportagens, notícias, editoriais, textos não científicos e aqueles que não atendiam aos critérios metodológicos para o desenvolvimento da temática proposta.

Figura 1- Fluxograma do Processo de busca e seleção das referências que compõem essa pesquisa





REVISÃO DE LITERATURA

Contextualização das condições de trabalho no desenvolvimento de doenças na enfermagem

A enfermagem é uma das profissões mais vulneráveis a doenças ocupacionais devido à natureza das suas funções, que frequentemente envolvem exposição a agentes químicos, biológicos e físicos. Conforme Spindola e Silva (2005) O trabalho da enfermagem é característico no qual existe uma valorização do único, do particular, do específico, do subjetivo, do senso comum, das crenças, dos mitos, dos rituais, do místico, do conhecimento popular e do benefício social.

A pesquisa realizada por Uchoa (2023) destaca que as condições de trabalho inadequadas, como longas jornadas e falta de materiais essenciais, são fatores críticos que agravam o desgaste físico e psicológico dos enfermeiros. Esses profissionais, muitas vezes, trabalham em ambientes com condições limitadas de higiene e segurança, o que os expõe constantemente a riscos ocupacionais, afetando a sua saúde mental e física.

As condições de trabalho na enfermagem representam um conjunto complexo de desafios, influenciando diretamente a saúde física e mental dos profissionais e, conseqüentemente, a qualidade do cuidado oferecido.

Alves et al. (2020) observaram que o estresse no ambiente hospitalar é um dos principais fatores que afetam a saúde mental dos enfermeiros, o que pode culminar em quadros de exaustão física e psicológica. Esses profissionais, que se dedicam ao cuidado dos outros, negligenciam frequentemente a própria saúde, aumentando a incidência de doenças ocupacionais entre eles.

A Síndrome de Burnout é uma das doenças mais frequentes entre os profissionais de enfermagem. Na esteira dos desenvolvimentos conceituais do modelo trifásico do estresse, Freudenberg (1974) criou o termo *burnout* para descrever uma síndrome em cuja sintomatologia se destacava o esgotamento profissional. Esse termo deriva do verbo inglês *to burn out*, o qual tem como significado em língua portuguesa “queimar por completo” ou “consumir-se”. O referido autor constatou, em si, que sua atividade profissional como psicanalista, que tanto prazer lhe trouxera no passado, passou a frustrá-lo acentuadamente. A partir disso, descreveu o burnout como um sentimento de fracasso e exaustão causado por um



excessivo desgaste de energia e recursos internos. Ademais, posteriormente observou que fadigabilidade, irritabilidade, depressão, aborrecimento, rigidez e inflexibilidade também desempenhavam um papel importante na composição da síndrome.

Fatores de risco nas condições de trabalho

As condições de trabalho dos profissionais de enfermagem são amplamente reconhecidas como uma das mais desafiadoras, devido à exposição a riscos físicos, emocionais e biológicos, além de longas jornadas de trabalho. Segundo Alves et al. (2020), o ambiente de trabalho da enfermagem "necessita de adequações estruturais, relacionais e estratégicas para prevenir o adoecimento dos profissionais". Esse cenário evidencia a importância de intervenções que melhorem tanto a segurança quanto o bem-estar desses trabalhadores, promovendo uma redução nas taxas de doenças ocupacionais.

A exposição a riscos biológicos é uma das principais preocupações. Como destaca Mota e Melo (2022), os profissionais de enfermagem da Estratégia Saúde da Família lidam frequentemente com agentes infecciosos, colocando em risco sua saúde física e aumentando os índices de desgaste profissional. Esse contato contínuo com agentes patogênicos exige o fornecimento adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e medidas de segurança rigorosas para minimizar a exposição e prevenir o adoecimento.

Além dos riscos biológicos, o estresse ocupacional associado a sobrecarga de trabalho e à falta de apoio institucional é um fator significativo. Dorneles, Dalmolin e Facim (2021) ressaltam que a síndrome de Burnout é prevalente entre enfermeiros devido à exaustão emocional e à falta de realização profissional, especialmente em ambientes de trabalho com baixa valorização e alto nível de cobrança. O clima ético negativo e a insuficiência de recursos agravam esse quadro, indicando a necessidade de ambientes organizacionais mais saudáveis.

Conforme Bardaquim et al. (2019) discutem a influência das longas jornadas sobre a saúde dos enfermeiros, sugerindo que a regulamentação para 30 horas semanais poderia promover uma qualidade de vida melhor e, por consequência, melhorar a qualidade do atendimento prestado aos pacientes. A implementação dessa mudança na jornada é vista como uma estratégia essencial para reduzir os índices de absenteísmo e as doenças relacionadas ao estresse.



O ambiente de trabalho na enfermagem é reconhecido por suas intensas demandas e desafios, que incluem riscos físicos, emocionais e sociais. Segundo a pesquisa de Machado et al., (2016), a equipe de enfermagem no Brasil enfrenta condições de trabalho que frequentemente resultam em desgaste físico e mental, elevando a necessidade de licenças médicas e afastamentos. Esse desgaste é agravado pela sobrecarga de trabalho e pela escassez de recursos, elementos que comprometem tanto a saúde dos profissionais quanto a qualidade do atendimento prestado aos pacientes.

A exposição a fatores de risco biológicos é particularmente elevada, especialmente em setores como hemodiálise, onde os profissionais lidam diretamente com agentes infecciosos. Oliveira, Andrade e Brock (2017) destacam que a ausência de políticas eficazes de prevenção expõe os profissionais a riscos constantes, resultando em alto índice de afastamentos relacionados a doenças ocupacionais. Esses riscos reforçam a importância de políticas de segurança que assegurem o fornecimento adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e o treinamento contínuo dos profissionais de saúde.

As condições emocionais no trabalho também afetam significativamente a saúde dos enfermeiros. Além disso, a sobrecarga e o estresse são exacerbados em períodos de crise, como observado durante a pandemia de COVID-19. Roncalli (2022) observou que a pandemia aumentou a carga de trabalho dos profissionais de enfermagem, intensificando o estresse e o medo de contaminação, o que gerou um impacto negativo na qualidade de vida desses profissionais. Nesse contexto, algumas instituições adotaram medidas para proteger os profissionais, mas, conforme o estudo sugere, tais ações ainda são insuficientes para garantir um ambiente de trabalho totalmente seguro.

Dada a essa realidade, a gestão inadequada de recursos humanos e a falta de reconhecimento profissional são problemas adicionais. Amorim (2019) afirma que a ausência de valorização institucional e o distanciamento dos gestores são fatores que promovem desmotivação e ampliam o desejo de afastamento do trabalho. Assim, promover um ambiente de trabalho saudável e implementar estratégias de valorização profissional podem ser passos importantes para melhorar as condições de trabalho na enfermagem e minimizar os impactos negativos na saúde dos trabalhadores.

Outro fator significativo nas condições de trabalho na enfermagem é a sobrecarga de



trabalho. Estudos como o de Martins (2002) revelam que as jornadas extensas e a ausência de pausas adequadas impactam diretamente a qualidade de vida dos profissionais. Sendo assim, os profissionais que trabalham em turnos noturnos apresentam uma capacidade para o trabalho menor em comparação aos que atuam em horários diurnos. Isso se deve, principalmente, à interrupção dos ritmos biológicos e ao impacto na qualidade do sono.

Doenças ocupacionais e a relação com as condições de trabalho dos enfermeiros

A partir de análises e estudos, as doenças ocupacionais relacionadas às condições de trabalho dos enfermeiros representam um problema de saúde pública, pois impactam tanto o bem-estar desses profissionais quanto a eficiência dos serviços de saúde. Ventura (2015) destaca que doenças musculoesqueléticas e transtornos mentais, como a síndrome de Burnout, são prevalentes entre os enfermeiros devido ao esforço físico excessivo e à exposição constante a situações estressantes. Tais condições tornam-se mais críticas em ambientes onde a carga de trabalho é alta e a infraestrutura inadequada, fatores que intensificam o desgaste físico e mental dos profissionais.

As lesões musculoesqueléticas são um dos problemas mais prevalentes, pois as longas jornadas e a repetição de movimentos durante o cuidado ao paciente aumentam a incidência de problemas osteomusculares entre enfermeiros (Martins, 2002). Esse quadro é intensificado pela escassez de pausas adequadas e pela necessidade constante de movimentação de pacientes, o que torna essas lesões uma das principais causas de afastamento temporário desses profissionais.

Além dos problemas físicos, o ambiente de trabalho em enfermagem contribui significativamente para o desenvolvimento de doenças mentais, como a síndrome de Burnout. De acordo com Serafim (2018), essa síndrome é caracterizada por exaustão emocional, despersonalização e uma sensação de baixa realização profissional, afetando amplamente a equipe de enfermagem da atenção primária. A falta de apoio emocional e a alta pressão no ambiente de trabalho são fatores determinantes para o desenvolvimento desse transtorno.

O risco biológico é outro fator importante a ser considerado, especialmente devido ao contato direto com fluidos corporais e agentes patogênicos. Um estudo de Soares et al. (2011) aponta que a exposição a materiais biológicos contaminados coloca os enfermeiros em alto risco de contrair infecções, como HIV e hepatite, reforçando a necessidade de um treinamento



rigoroso e do uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). A ausência de EPIs adequados contribui para o aumento do risco e do número de afastamentos.

Além disso, doenças de origem psicológica são uma constante no setor de enfermagem. Amorim (2019) destaca que o estresse ocupacional decorrente das condições de trabalho e da relação com colegas e pacientes aumenta a vulnerabilidade dos enfermeiros a transtornos mentais. A falta de suporte psicológico adequado, combinada com o ambiente de trabalho exigente, agrava a saúde mental desses profissionais.

A importância da criação de uma cultura de prevenção e de suporte institucional é essencial para minimizar os impactos das doenças ocupacionais na enfermagem. Serafim (2018) sugere que um ambiente de trabalho mais acolhedor e o fortalecimento de políticas de saúde ocupacional são passos importantes para garantir a segurança e o bem-estar dos enfermeiros. Essas medidas contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos profissionais e para a promoção de um cuidado de saúde mais seguro e eficiente.

Entre as principais doenças ocupacionais identificadas estão as Lesões por Esforço Repetitivo (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), que afetam significativamente os profissionais de enfermagem. A alta demanda física e psicológica a que esses profissionais são submetidos eleva o risco de desenvolvimento dessas condições, sendo que longos períodos em posturas inadequadas e a realização de movimentos repetitivos são fatores determinantes (Silva, 2022). Esses problemas são agravados pela falta de pausas e de apoio organizacional, levando muitos profissionais a se afastarem do trabalho temporariamente.

Outro grupo de doenças ocupacionais bastante frequente entre enfermeiros envolve transtornos psicológicos, como estresse, depressão e ansiedade. De acordo com Pimenta et al. (2020), o ambiente hospitalar impõe demandas emocionais intensas que afetam diretamente a saúde mental dos profissionais. Esses transtornos estão frequentemente associados à exaustão emocional e à pressão por produtividade, que criam um cenário de insatisfação e, em muitos casos, de abandono da profissão.

A melhoria das condições de trabalho, aliada a políticas de suporte psicológico e capacitação contínua, pode minimizar os impactos negativos e promover uma prática profissional mais segura e saudável (Siqueira et al., 2022). A implementação de tais medidas é essencial para reduzir o absenteísmo e para assegurar a qualidade do atendimento prestado aos



pacientes.

Os principais agravos incluem estresse, síndrome de Burnout, distúrbios musculoesqueléticos, transtornos mentais e comportamentais, resultantes da sobrecarga física e emocional contínua enfrentada por esses profissionais (Ascari, Schmitz, & Silva, 2013).

A saúde mental dos profissionais de enfermagem também sofre devido ao alto nível de estresse, que está relacionado não somente às atividades laborais, mas também às condições de trabalho. Os profissionais de enfermagem enfrentam riscos ocupacionais que podem impactar diretamente na sua qualidade de vida e saúde mental” (Pereira, Nóbrega & Paiva, 2019). Situações de tensão, somadas à carga horária extenuante, são fatores que elevam o índice de transtornos psicológicos, prejudicando tanto os trabalhadores quanto a qualidade do atendimento aos pacientes.

As doenças respiratórias e dermatológicas, também estão entre as doenças ocupacionais comuns nos profissionais de enfermagem. Essas doenças geralmente resultam da exposição contínua a produtos químicos e agentes de limpeza sem o uso adequado de proteção. Ascari et al. (2013) apontam que o contato constante com esses agentes químicos sem o uso de EPIs adequados pode resultar em problemas respiratórios e dermatoses, comprometendo a saúde dos profissionais e aumentando o absenteísmo.

Segundo Simão et al. (2010) pouco se sabe sobre o nível de conhecimento dos profissionais da saúde relativo aos riscos ocupacionais dos quais estão expostos, bem como o grau de adesão às normas de biossegurança, dessa forma, faz-se necessário o estabelecimento de novas políticas de saúde e segurança voltadas diretamente para essa categoria profissional.

As ações voltadas para a saúde do trabalhador buscam evitar agravos à saúde desta população por meio da implementação de protocolos que identifiquem precocemente os cenários laborais que podem colocar em risco a saúde e a integridade física dos trabalhadores, garantindo, assim, ambientes de trabalho saudáveis e apropriados para a prática e o desenvolvimento das atividades de trabalho laborais sem riscos e sem a ocorrência de acidentes evitáveis (Maissiat, 2013). A implementação dessas medidas é vital para reduzir o adoecimento e garantir um ambiente de trabalho mais seguro e saudável para os profissionais de enfermagem o uso de EPIs adequados pode resultar em problemas respiratórios e dermatoses, comprometendo a saúde dos profissionais e aumentando o absenteísmo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para facilitar a compreensão dos achados da literatura científica presentes nos resultados e discussão, levantou-se dados através dos artigos da SciELO, Google Acadêmico e BDTD, e encontrou-se 152 estudos que versavam sobre a temática, quando utilizados os descritores selecionados pelos autores.

Realizou-se a leitura dos títulos e resumos, onde 143 foram excluídos do estudo por não remeterem ao objetivo da pesquisa, estarem duplicados nas bases de dados ou não versarem sobre a temática.

A amostra do estudo foi de 09 trabalhos analisados de forma mais aprofundada, como se pode notar no Quadro 1, apresentando a caracterização das amostras conforme as bases de dados, títulos, autores, periódicos e ano de publicação. Isso possibilita uma visão geral dos artigos selecionados para o referido estudo.

Quadro 1: Características das amostras conforme as bases de dados, títulos, autores, periódicos e ano de publicação.

Base de dados	Título	Autores	Periódico ou Fonte	Ano
Scielo	Condições de trabalho na enfermagem e o impacto na saúde ocupacional	Teixeira, Casanova e Silva	Revista Brasileira de Enfermagem	2014



Scielo	Estresse e síndrome de Burnout em enfermeiros: uma revisão de literatura	Alves et al.	Journal of Nursing Care	2020
Google Acadêmico	Doenças ocupacionais em profissionais da enfermagem: uma revisão integrativa	Pereira, Nóbrega e Paiva	Cadernos de Saúde Pública	2019
BDTD	Experiências e condições de trabalho de profissionais de enfermagem no cuidado a pessoas com Covid-19	Silva	Saúde e Trabalho	2022



Scielo	Síndrome de Burnout na equipe de Enfermagem da Atenção Primária à Saúde: revisão bibliográfica narrativa	Serafim	Enfermagem em Foco	2018
Scielo	Burnout em trabalhadores de enfermagem de hospitais: estudo de tendências	Dorneles, Dalmonlin & Facin.	Journal of Occupational Health	2021
Google Acadêmico	Risco biológico em trabalhadores de enfermagem: promovendo a reflexão e a prevenção	Soares et al.	Cogitare Enfermagem	2011



BDTD	Percepções do profissional de enfermagem sobre seu trabalho e sua forma de aprender : estudos de caso	Amorim	Revista de Psicologia da Saúde	2019
Google Acadêmico	Gestão dos riscos ocupacionais nos serviços hospitalares: uma análise reflexiva	Balthazar, Andrade e Souza	Revista de Enfermagem	2017

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa evidenciou que a carga excessiva de trabalho é um dos fatores primordiais que contribuem para o adoecimento dos profissionais de enfermagem. O estudo de Teixeira, Casanova e Silva (2014) salienta que a sobrecarga de trabalho, aliada à falta de recursos e ao tempo insuficiente para o descanso, resulta em um desgaste físico e psicológico, favorecendo o surgimento de doenças como a Síndrome de Burnout. Serafim (2018) descreve que essa síndrome é caracterizada por exaustão emocional, despersonalização e sensação de baixa realização profissional, o que pode prejudicar a saúde dos profissionais e comprometer a qualidade do atendimento aos pacientes.

A falta de apoio institucional e a inadequação das condições de trabalho, como a carência de materiais essenciais e a exposição constante a riscos biológicos e químicos, também



são fatores determinantes para o desenvolvimento de doenças ocupacionais. Uchoa (2023) destaca que ambientes de trabalho com condições insalubres e com alta demanda física e emocional agravam o estresse e o desgaste dos enfermeiros, tornando-os mais vulneráveis a doenças ocupacionais.

Os resultados da pesquisa corroboram com os achados de outros estudos que revelam uma alta prevalência de doenças ocupacionais entre os enfermeiros. Segundo Alves et al. (2020), os profissionais de enfermagem estão particularmente suscetíveis a doenças musculoesqueléticas, relacionadas ao esforço repetitivo e à postura inadequada durante as atividades. Além disso, a exposição a agentes biológicos, como vírus e bactérias, é uma preocupação constante, especialmente em ambientes como as unidades de terapia intensiva (UTIs) e nas unidades de saúde pública, onde os enfermeiros estão em contato direto com pacientes contaminados. A falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) adequados, como ressaltado por Soares et al. (2011), aumenta a vulnerabilidade dos profissionais a infecções e doenças transmissíveis, resultando em altos índices de absenteísmo.

A síndrome de Burnout, como apontado por Dorneles, Dalmonlin e Facin (2021), é uma das doenças psicológicas mais prevalentes entre os enfermeiros, principalmente devido à falta de reconhecimento e à pressão constante por desempenho. A carga emocional, aliada a jornadas de trabalho longas e à falta de apoio psicológico, cria um cenário de alto risco para o desenvolvimento de transtornos mentais, como estresse, ansiedade e depressão, conforme discutido por Pimenta et al. (2020).

Diante dos dados apresentados, torna-se evidente a necessidade de ações imediatas para melhorar as condições de trabalho dos profissionais de enfermagem. A implementação de políticas de saúde ocupacional mais rigorosas, incluindo a promoção de práticas ergonômicas e o fornecimento adequado de EPIs, é essencial para reduzir os riscos de doenças ocupacionais. A Norma Regulamentadora NR-32, que visa garantir a segurança e saúde no trabalho dos profissionais de saúde, deve ser mais eficazmente implementada para assegurar que as instituições ofereçam ambientes de trabalho mais seguros e menos prejudiciais à saúde dos enfermeiros (Silva et al., 2020).

É urgente a criação de ambientes de trabalho mais saudáveis e a valorização dos profissionais de enfermagem, como sugerido por Dorneles, Dalmonlin e Facin (2021). A implementação de programas de apoio psicológico, o fortalecimento do suporte entre colegas



e a capacitação contínua são medidas fundamentais para reduzir o estresse ocupacional e prevenir o desenvolvimento de doenças mentais. A promoção de uma cultura organizacional mais ética e respeitosa, com foco no bem-estar dos profissionais, também pode contribuir para a redução da sobrecarga e para a melhoria das condições de trabalho.

A pandemia de COVID-19, conforme relatado por Roncalli (2022) e Silva (2022), exacerbou ainda mais as condições de trabalho já precárias dos enfermeiros, com um aumento significativo do estresse e da sobrecarga de trabalho. O medo de contaminação e a pressão por um atendimento rápido e eficaz, somados à falta de recursos e ao aumento da demanda, criaram um ambiente de trabalho extremamente desgastante. Nesse cenário, a necessidade de apoio psicológico e de medidas eficazes de proteção para os enfermeiros se tornou ainda mais evidente.

Identificação de Fatores de Risco Mais Relevantes

O ambiente de trabalho na enfermagem é reconhecido por sua alta exposição a fatores de risco que afetam tanto a saúde física quanto mental dos profissionais. Entre os riscos mais significativos estão a sobrecarga de trabalho, a exposição a agentes biológicos, químicos e físicos, e o estresse ocupacional. Estudos revelam que a sobrecarga de trabalho, como a carga horária excessiva e a falta de descanso, é um dos principais fatores que contribuem para o adoecimento dos profissionais de enfermagem (Teixeira, Casanova & Silva, 2014).

A exposição a esses fatores de risco, combinada com um ambiente de trabalho muitas vezes precário, como a escassez de equipamentos de proteção individual (EPIs) adequados e a falta de recursos institucionais, agrava ainda mais a situação. Em particular, a presença de estresse psicológico, somada à pressão por produtividade e à falta de apoio institucional, resulta em um ambiente tóxico que favorece o desenvolvimento de doenças ocupacionais como a síndrome de Burnout e doenças musculoesqueléticas (Serafim, 2018; Dorneles, Dalmonlin & Facin., 2021). Esses fatores devem ser priorizados nas intervenções voltadas à melhoria das condições de trabalho da enfermagem, de modo a prevenir o surgimento de doenças graves e reduzir o absenteísmo.

Prevalência das Principais Doenças Ocupacionais em Enfermeiros

As doenças ocupacionais entre os enfermeiros têm se tornado uma preocupação crescente, com destaque para as doenças musculoesqueléticas, transtornos mentais, como a síndrome de Burnout, e problemas respiratórios e dermatológicos, decorrentes da exposição



a agentes químicos e biológicos. A literatura aponta que as lesões musculoesqueléticas, especialmente aquelas associadas ao esforço repetitivo e posturas inadequadas, são uma das principais causas de afastamento entre os enfermeiros (Martins, 2002; Silva, 2022). Além disso, transtornos psicológicos, como o estresse, ansiedade e depressão, estão diretamente relacionados ao alto nível de carga de trabalho e à pressão no ambiente hospitalar (Amorim, 2019).

As doenças ocupacionais representam um desafio significativo para os enfermeiros, sendo influenciadas tanto pelo ambiente de trabalho quanto pelas características da profissão. De acordo com Ribeiro et al (2018), os profissionais de enfermagem estão expostos a riscos físicos, como lesões musculoesqueléticas, e psicológicos, como o estresse crônico e a síndrome de burnout. A prevalência dessas condições, especialmente em unidades de emergência, é alarmante, com muitos enfermeiros enfrentando doenças relacionadas ao esforço físico repetitivo e às longas jornadas de trabalho. Entre as condições mais comuns, destacam-se as dores nas costas, hipertensão arterial e gastrite, além do estresse emocional intenso que pode resultar em exaustão emocional e baixa realização profissional.

A organização do trabalho e a falta de políticas eficazes de prevenção têm impacto direto na saúde ocupacional dos enfermeiros. Os dados indicam que os enfermeiros, especialmente aqueles com múltiplos empregos ou com pouca ou nenhuma assistência psicológica, apresentam maior número de doenças ocupacionais e estão mais suscetíveis ao estresse e à Síndrome de Burnout. Para combater esses problemas, é essencial implementar estratégias de prevenção, como programas de saúde mental, treinamentos e apoio institucional, além de melhorar as condições de trabalho para garantir a saúde física e mental dos profissionais de enfermagem.

A Síndrome de Burnout é um dos quadros mais frequentes entre os profissionais de enfermagem. Caracterizada por exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional, a síndrome é frequentemente causada pela sobrecarga de trabalho e pela falta de reconhecimento por parte das instituições de saúde (Serafim, 2018). A pesquisa de Silva (2022) também indicou que o contexto da pandemia de COVID-19 intensificou esses problemas, expondo os enfermeiros a riscos físicos e emocionais exacerbados, o que aumentou significativamente os índices de afastamento e os distúrbios mentais na categoria.



Relação entre as Condições de Trabalho e a Gravidade das Doenças

A relação entre as condições de trabalho e a gravidade das doenças ocupacionais nos enfermeiros é evidente, como demonstrado em diversos estudos. As condições precárias de trabalho, como a escassez de recursos, a carga horária excessiva e a falta de EPIs adequados, são fatores diretamente responsáveis pela piora da saúde dos profissionais. A exposição contínua a riscos biológicos e químicos, somada à pressão psicológica e física, agrava as condições de saúde e aumenta a gravidade das doenças, tornando-as mais difíceis de tratar e mais frequentes entre os trabalhadores da saúde (Serafim, 2018).

A pesquisa de Pereira, Nóbrega e Paiva (2019) indica que a prevalência de doenças musculoesqueléticas e psicológicas aumenta em ambientes com alta demanda e baixa infraestrutura, comprometendo tanto a saúde dos enfermeiros quanto a qualidade do atendimento prestado aos pacientes. Além disso, a sobrecarga de trabalho e a falta de apoio psicológico nas instituições contribuem para um ciclo de exaustão física e mental, exacerbando a gravidade das condições de saúde dos enfermeiros (Dorneles, Dalmonlin & Facin, 2021).

Impacto das Doenças Ocupacionais na Qualidade de Vida e no Desempenho dos Enfermeiros

As doenças ocupacionais não só afetam a saúde física e mental dos enfermeiros, mas também impactam significativamente a sua qualidade de vida e o desempenho profissional. Enfermeiros que enfrentam doenças musculoesqueléticas, como dores crônicas e lesões por esforço repetitivo, frequentemente experimentam limitações físicas que comprometem a sua capacidade de realizar atividades cotidianas, como a movimentação de pacientes e a administração de cuidados (Martins, 2002). Além disso, o impacto psicológico das doenças ocupacionais, como a síndrome de Burnout e o estresse crônico, reduz a motivação, o engajamento e a satisfação com o trabalho, o que pode resultar em maiores taxas de absenteísmo e desistência da profissão (Serafim, 2018; Dorneles, Dalmonlin & Facin, 2021).

A pesquisa de Santos *et al.* (2020) destaca que as más condições de trabalho também aumentam o risco de erros médicos e incidentes no cuidado aos pacientes, afetando a qualidade do atendimento prestado. Enfermeiros com doenças ocupacionais, especialmente aqueles que sofrem de exaustão física e psicológica, têm maior propensão a cometer erros, comprometendo diretamente a segurança do paciente e a eficácia do serviço de saúde.



Portanto, melhorar as condições de trabalho e promover o bem-estar dos profissionais de enfermagem são passos fundamentais para garantir tanto a saúde dos trabalhadores quanto a qualidade do atendimento oferecido.

As doenças ocupacionais entre os enfermeiros têm um impacto profundo na qualidade de vida e no desempenho desses profissionais. As condições de trabalho precárias, a sobrecarga de trabalho e a falta de apoio institucional agravam tanto os aspectos físicos quanto os emocionais da saúde dos enfermeiros, prejudicando sua capacidade de fornecer cuidados de saúde adequados. A implementação de medidas preventivas, como a regulamentação de jornadas de trabalho, o fornecimento adequado de EPIs e a criação de ambientes de apoio psicológico, são essenciais para mitigar esses impactos e melhorar a saúde ocupacional na enfermagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão narrativa de literatura revelou que os enfermeiros estão especialmente vulneráveis a uma série de doenças ocupacionais devido à natureza extenuante das suas funções. Distúrbios como as Lesões por Esforços Repetitivos (LER), a Síndrome de Burnout, entre outros problemas de saúde física e mental, são frequentemente observados. A falta de práticas ergonômicas adequadas e o estresse relacionado às condições de trabalho foram destacados como fatores que agravam essas condições, sublinhou que a exposição a substâncias químicas e biológicas, como medicamentos e agentes infecciosos, constitui um risco adicional significativo, especialmente em ambientes hospitalares.

Os estudos revisados enfatizaram a necessidade urgente de melhorias nas condições de trabalho dos enfermeiros. A implementação de práticas ergonômicas adequadas, redução da carga de trabalho e o fornecimento correto de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) foram identificados como medidas essenciais para prevenir doenças ocupacionais. Além disso, o fortalecimento de políticas de saúde ocupacional, incluindo programas de apoio psicológico e promoção do bem-estar mental, foi reconhecido como uma ação crucial para mitigar o estresse ocupacional e melhorar a qualidade de vida dos profissionais.

Os resultados desta revisão narrativa corroboram com análises anteriores, que apontam



a sobrecarga de trabalho e a falta de suporte institucional como fatores principais no desenvolvimento de doenças ocupacionais entre enfermeiros. A pesquisa se alinha a estudos que destacam a prevalência de doenças musculoesqueléticas e transtornos psicológicos devido às condições de trabalho inadequadas, como a pressão constante e a escassez de recursos. A escassez de apoio, tanto institucional quanto psicológico, foi apontada como um dos fatores determinantes para o aumento dessas condições.

A importância de políticas públicas que visem melhorar as condições de trabalho na enfermagem, especialmente em hospitais públicos, onde as condições são mais precárias.

A criação de um ambiente mais seguro e saudável, com foco no bem-estar dos profissionais, não só melhoraria a qualidade de vida dos enfermeiros, mas também contribuiria para um atendimento mais eficaz aos pacientes. Para pesquisas futuras, é sugerido explorar a implementação de programas de capacitação contínua e apoio psicológico, além de investigar como diferentes práticas institucionais podem ajudar a reduzir os riscos ocupacionais, proporcionando um ambiente de trabalho mais sustentável para os enfermeiros.

REFERÊNCIAS

ASCARI, R. A.; SCHMITZ, S. dos S.; SILVA, O. M. Prevalência de doenças ocupacionais em profissionais da enfermagem: revisão de literatura. **Revista UNINGÁ Review**, v. 15, n. 2, p. 26-31, 2013. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1449>.

ALVES, V. O. et al. A prevenção de doenças ocupacionais na enfermagem. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 32, n. 1, p. 79-82, 2020. Disponível em: <https://www.mastereditora.com.br/download-3569>.

AMORIM, F. F. *Percepções do profissional de enfermagem sobre seu trabalho e sua forma de aprender: estudos de caso*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35282>.



ASSUNÇÃO, A. Á.; LIMA, C. R. de. *Gestão das condições de trabalho e saúde dos trabalhadores da saúde: caderno de textos*. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2012. Disponível em:

<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3195.pdf>.

BARDAQUIM, V. A.; DIAS, E. G.; DALRI, R. B. M.; ROBAZZI, M. C. C. Reflexão sobre as condições de trabalho da enfermagem: subsídio às 30 horas de trabalho. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 8, n. 2, p. 171-181, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v8i2.2466>.

BATIZ, E. C. Diagnóstico da implantação e implementação da Norma Regulamentadora 32 nos estabelecimentos de saúde: um estudo de caso em um hospital público de Joinville, SC. **Revista Brasileira de Ergonomia**, v. 11, n. 1, p. 95-117, 2009. Disponível em: <https://revistaacaoergonomica.org/article/62798540a9539553f71ce332/pdf/abergo-11-1-95.pdf>.

BALTHAZAR, M. A. P.; ANDRADE, M.; SOUZA, D. F. Gestão dos riscos ocupacionais nos serviços hospitalares: uma análise reflexiva. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 9, p. 3482-3491, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/110248/22190>.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Segurança e medicina do trabalho*. 52. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Portaria nº 86, de 03 de março de 2005: anexo I – Norma Regulamentadora 31*. Brasília, DF: Ministério do Trabalho e Emprego, 2005. Disponível em: <https://www.sbcpd.org/uploads/trabalhos/seguranca-das-condicoes-de-trabalho-com-herbicidas.-912.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

COSTA, F. M.; VIEIRA, M. A. S.; ROSENI, R. Absenteísmo relacionado a doenças entre membros da equipe de enfermagem de um hospital escola. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 1, p. 38-44, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000100006>.

DORNELES, A. J. A.; DALMOLIN, G. L.; FACIN, M. B. Burnout em trabalhadores de enfermagem de hospitais: estudo de tendências. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, e548101120000, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20000>.

ELIAS, C. S. R. et al. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **SMAD: Revista Eletrônica em Saúde Mental, Álcool e Drogas**, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=3799591&pid=S1415-711X201700010001100021&lng=es.

FERREIRA, G. B.; ARAGÃO, A. E. de A.; OLIVEIRA, P. S. de. Síndrome de Burnout na enfermagem hospitalar/intensivista: o que dizem os estudos? **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, v. 16, n. 1,



2017. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1100>.

FREUDENBERGER, H. J. Esgotamento de pessoal. **Journal of Social Issues**, v. 30, n. 1, p. 159-165, 1974.

GALLAS, S. R.; FONTANA, R. T. Biossegurança e a enfermagem nos cuidados clínicos: contribuições para a saúde do trabalhador. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 5, p. 451-458, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/pkwBzSrZ4WB3vsN8WYlWT>.

LINO, M. M.; NORA, P. T.; LINO, M. M.; FURTADO, M. Enfermagem do trabalho à luz da visão interdisciplinar. **Saúde & Transformação Social**, v. 3, n. 1, p. 85-91, 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S217870852012000100014&lng=pt&nrm=i. Acesso em: 19 fev. 2025.

MACHADO, M. H. et al. Condições de trabalho da enfermagem no Brasil: uma abordagem a partir da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. **Divulgação em Saúde para Debate**, n. 56, p. 70-78, 2016. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884487/condicoes-de-trabalho-da-enfermagem-no-brasil-uma-abordagem-a-p_t2k05fV.pdf.

MAISSIAT, G. S. *Prazer e sofrimento de trabalhadores da atenção básica à saúde à luz da teoria da psicodinâmica do trabalho*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/76335>.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior**, v. 2, p. 99-113, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3000281>.

MARTINS, M. M. *Qualidade de vida e capacidade para o trabalho dos profissionais em enfermagem no trabalho em turnos*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de



Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em:
https://nucidh.ufsc.br/files/2011/09/dissertacao_marilu.pdf.

MARTINS, N. *NR-32: nova norma para a área de saúde*. 2009. Disponível em:
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/biosseguranca_saude_prioridades_estrategicas_acao.pdf. Acesso em: 6 mar. 2025.

MOTA, M. E. R. S.; MELO, D. F. C. Riscos ocupacionais na prática de enfermagem: repercussões na saúde do trabalhador da Estratégia Saúde da Família. **SANARE**, v. 21, n. 2, p. 34-41, 2022. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1662/835>.

OLIVEIRA JUNIOR, A. R.; SANTOS, E. O.; PINTO, V. S.; SANTOS, C. M. F. Atuação do enfermeiro na saúde do trabalhador: um enfoque na prevenção. **Revista de Enfermagem do Trabalho**, v. 12, n. 1, p. 23-28, 2014. DOI: 10.47094/978-65-81609-09-2/64-79.

OLIVEIRA, M. M.; ANDRADE, N. V.; BROCK, J. Riscos ocupacionais e suas repercussões nos profissionais de enfermagem no âmbito hospitalar. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 129-138, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v6i2.1523>.

PEREIRA, J. P. M.; NÓBREGA, W. F. S.; PAIVA, R. E. A. Doenças ocupacionais em profissionais da enfermagem: uma revisão integrativa. **Archives of Health Investigation**, v. 8, n. 11, p. 736-739, 2019. Disponível em: <https://www.archhealthinvestigation.com.br/>.

PIMENTA, C. J. L. et al. The impact of work on the health of nursing professionals. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, e03584, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018046103584>.

RIBEIRO, R. P. et al. Estresse ocupacional entre trabalhadores de saúde de um hospital universitário. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 39, 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/93bFnj3GkbyPtrpijGvn8cj/?format=pdf&lang=pt>.



RONCALLI, A. A. *Ambiente de trabalho saudável na perspectiva da equipe de enfermagem no cenário hospitalar: o contexto da pandemia da COVID-19*. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1436750>.

SANTOS, T. A. et al. Condições de trabalho de enfermeiras, técnicas e auxiliares de enfermagem em hospitais públicos. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, v. 24, e-1339, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/1415.2762.20200076>.

SERAFIM, A. M. *Síndrome de Burnout na equipe de enfermagem da atenção primária à saúde: revisão bibliográfica narrativa*. 2018. Trabalho acadêmico – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B8XJ7Y>.

SILVA, S. S. et al. Ocorrência de doenças ocupacionais relacionadas ao trabalho em enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 12, e1491210181, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i12.10181>.

SILVA, W. J. C. *Experiências e condições de trabalho de profissionais de enfermagem no cuidado a pessoas com COVID-19*. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6050>.

SIMÃO, S. A. F. et al. Acidentes de trabalho com material perfurocortante envolvendo profissionais de enfermagem de unidade de emergência hospitalar. **Revista de Enfermagem UERJ**, v. 18, n. 3, p. 400-404, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD9DZE84/1/monografia_finalizada_texto_completo_01.pdf.

SIQUEIRA, A. C. S.; SOUZA, É. C.; ALMEIDA, V. F.; BITTENCOURT, M. E. S.; ANDRIGHI, T. A. C. O papel do enfermeiro do trabalho na prevenção de doenças ocupacionais. **Tudo é Ciência**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47385/tudoeciencia.158.2022>.



SOARES, L. G.; LABRONICI, L. M.; MAFTUM, M. A.; SARQUIS, L. M. M. Risco biológico em trabalhadores de enfermagem: promovendo a reflexão e a prevenção. **Cogitare Enfermagem**, v. 16, n. 2, p. 261-267, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/31300>.

SOUZA, H. A.; BERNARDO, M. H. Prevenção de adoecimento mental relacionado ao trabalho: a práxis de profissionais do Sistema Único de Saúde comprometidos com a saúde do trabalhador. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 44, e26, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572019000100302&lng=en&nrm=iso.

SPINDOLA, T. S.; SILVA, R. O trabalho na enfermagem e seu significado para as profissionais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 2, p. 156-160, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672005000200005>.

TEIXEIRA, L. P.; CASANOVA, E. G.; SILVA, T. A. S. M. Doenças ocupacionais na enfermagem: quando o trabalho adocece. **Revista Pró-UniverSUS**, p. 19-24, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/516>.

TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J. E. C. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 5, p. 223-233, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/6CTppSZ6X5ZLY5bXPPFB7S/>.

UCHOA, C. C. *Condições de trabalho dos profissionais de enfermagem em hospitais no Brasil: revisão integrativa*. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/57831>.

VALE, F. A. *Papel do enfermeiro na promoção da saúde do trabalhador*. 2022. Projeto de pesquisa – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5256>.



VASCONCELLOS, L. C. F.; GAZE, R. *Integralidade e doenças dos trabalhadores: o método de Bernardino Ramazzini*. 2009. Disponível em: https://faculdadedeamericana.com.br/ojs/index.php/Ciencia_Inovacao/article/download/236/218. Acesso em: 19 fev. 2025.

VENTURA, V. G. J. *Doenças ocupacionais em trabalhadores das unidades do Sistema Único de Saúde de Belo Horizonte, MG*. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-9ZKF8L>.

VIEIRA, B. G. M. et al. Causas de acidentes com material biológico no trabalho de enfermagem. *Revista Pró-UniverSUS*, v. 8, n. 1, 2017. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/rpu/article/view/880/692>.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317>.

